

AS CONSTRUÇÕES DE RELATIVIZAÇÃO EM CARTAS QUINHENTISTAS

Bianca Graziela da Silva
biancagsgsilva@click21.com.br

1. Introdução

Orações relativas ou de relativo são orações subordinadas a um núcleo substantivo, ou a um elemento equivalente a um substantivo, na oração anterior – o antecedente – e são encabeçadas, quando desenvolvidas, por um pronome relativo, que retoma esse antecedente. São conhecidas, tradicionalmente, como orações subordinadas adjetivas. Estratégias de relativização é a denominação atribuída a um conjunto de três estruturas das quais duas são ignoradas pela gramática tradicional e somente uma “é prescrita”, como se explica a seguir.

Foram levados em consideração os três tipos diferentes de estratégias de relativização. Em (1), apresentam-se exemplos das estratégias denominadas padrão, canônica ou *standard*, por estarem de acordo com o que apregoa a gramática tradicional. Os que se seguem em (2) e (3) são classificados, pelos estudos que tratam do assunto, como formas relativas não padrão. Em 2.(iv), tem-se um exemplo da estratégia conhecida como cortadora, em que há ausência da preposição no início da oração relativa, cujo contexto de realização é o de sintagma preposicionado. Os dados apresentados em 3.(v) e 3.(vi) ilustram as formas chamadas de copiadas ou com pronome cópia ou lembrete. Tal estratégia repete a informação representada pelo pronome relativo. E, em nosso estudo, consideramos também a cópia por meio de sintagma nominal (ou preposicionado).

1.1. A estratégia padrão ou canônica

- (i) Os meninos que chegaram agora devem fazer o trabalho.
– **Sujeito**
- (ii) Os meninos que vi devem fazer o trabalho.
– **Objeto direto**
- (iii) Os meninos de que gosto devem fazer o trabalho.
– **Sintagma preposicionado.**

1.2. A estratégia cortadora

- (iv) Os meninos *que gosto* devem fazer o trabalho.
– **Sintagma preposicionado.**

1.3. Estratégia copiadora

- (v) Os meninos *que vi eles* devem fazer o trabalho.
– **Objeto direto**
- (vi) Os meninos *que gosto deles* devem fazer o trabalho.
– **Sintagma preposicionado.**

Dois trabalhos são considerados de base para o estudo das estratégias de relativização: Mollica (1977) e Tarallo (1983). Entretanto, consideramos a importância de abordar um deles, Tarallo (1983), em virtude das características afins ao presente artigo.

O autor, dentre outros materiais de fala, utilizou, como *corpus* diacrônico, cartas e textos literários referentes à segunda metade do século XIX. Seus dados diacrônicos constataam, em contextos preposicionados, que a estratégia cortadora havia suplantado a padrão depois de entrar em concorrência com ela (como ele mostra em tabela na página 207). O autor mostrou como resultado, de 1880 dados, 178 do século XIX, 59,5% da cortadora sobre 35,4% da padrão e 5,1% da copiadora.

Estratégias de relativização em contexto preposicionado

(adaptada de TARALLO, 1983, p. 207)

Estratégias	Séc. XIX
Padrão	63 / 35,4 %
Cortadora	106 / 59,5 %
Copiadora	9 / 5,1 %
Total	178 / 100 %

O presente trabalho também utilizou *corpora* diacrônicos, desejando contribuir com estudos gerais sobre as relativas ao apresentar conclusões dessas estratégias no século XVI. Somamos informações a respeito do português europeu aos trabalhos que abordam essa modalidade.

A pertinência para este estudo recai no fato de as formas não padrão, copiadora e cortadora, estarem sendo consideradas próprias do português do Brasil, surgidas no século XIX. Consideramos que tais formas já existiam na língua no tempo de Cabral, antes de chegarem ao Brasil. Essa hipótese é coerente com a ideia de que o fenômeno não é novo, data

de priscas épocas, como aponta Tarallo no exemplo do latim *Ultra eum locum, quo in loco Germani consederant* (TARALLO, 1994, p. 165) [para além daquele lugar, no qual os alemães haviam acampado no lugar]. Portanto, considera-se relevante a análise de textos do século XVI, a fim de observar se as construções relativas são notórias também em tal contexto.

2. *As construções de relativização e a gramática tradicional*

De um modo geral, os gramáticos apresentam o mesmo parecer no tratamento das orações subordinadas adjetivas (BECHARA, 1999; CUNHA & CINTRA, 1985; LIMA, 1997). Elas são assim chamadas por funcionarem como adjetivos para um substantivo antecedente (nome ou pronome).

Mateus *et al* admitem haver na fala espontânea duas estratégias de relativização diferentes das orações relativas tradicionalmente designadas como “subordinação adjetiva”. As orações subordinadas adjetivas, para as autoras “orações relativas”, são assim designadas por conta de seu paralelo sintático e semântico com adjetivos – posição pós-nominal, valor atributivo e de modificador nominal. Fazem parte dessa classificação as relativas sem antecedente expresso (relativas livres) e relativas com antecedente nominal, que podem ser restritivas ou determinativas e apositivas, explicativas ou não restritivas. As restritivas “contribuem para a construção do valor referencial da expressão nominal” (p. 655), ou seja, restringem a extensão do conceito expresso pelo nome que a oração modifica. As explicativas exprimem um comentário do locutor sobre o antecedente da relativa.

Também, segundo a tradição, designam os constituintes que introduzem as relativas como “pronomes”, “advérbios” ou “adjetivos relativos” e comentam a propriedade dessas construções de estabelecerem um nexos anafórico entre o antecedente e o constituinte relativo.

Quanto às estruturas não padrão, as estratégias de relativização, pertencentes, segundo as autoras, à fala espontânea, comentam que podem ser do tipo que deviam conter SPs em posição inicial, porém que apresentam somente a forma *que* – estratégia cortadora, como se vê em (a); e as consideradas “estratégia resumptiva”, com pronomes pessoais, demonstrativos, advérbios locativos ou mesmo a repetição do antecedente no interior da oração, como se mostra em (b):

(a)

O livro que te falei é o mais bonito (em vez de *de que te falei...*)

“[...] é uma arte que eu dou muito valor.”

“[...] Passo assim os dias que estou em casa.”

(b)

“Temos lá, no meu ano, rapazes que eles parecem atrasados mentais, quer dizer...”

“[...] fui eu e mais uma irmã minha que também ela sabe muito bem de bolos[...].”

“[...] temos aí mulheres a trabalhar as máquinas que acho que essas devem receber mais que aquelas”

“[...] Que é uma pronúncia cantada que eu própria que sou de cá não a sei muito bem dizer [...]”

As autoras supõem estar diante de uma tendência de mudança no português europeu pelo fato de, embora as estratégias sejam consideradas marginais numa perspectiva purista, a estratégia cortadora faz parte, atualmente, do registro oral de falantes altamente escolarizados. Nossa perspectiva é que já no século XVI havia ocorrências de tais estratégias no português europeu mesmo no registro escrito.

Para Bechara (1999, 2006), as orações subordinadas adjetivas resultam de uma transposição realizada pela oração independente, mediante o transpositor *que* (representado, segundo ele, pelo pronome relativo) em relação a outra oração independente que passa a funcionar como um adjunto adnominal, num nível inferior. Em relação às orações relativas marcadas por índice preposicional, o gramático alerta para a função sintática do pronome relativo e para a regência do verbo da oração transposta que tornarão, segundo suas palavras, imprescindível o uso de preposição introduzindo o relativo. Assim,

Em A cidade a que nos dirigimos ainda está longe, o relativo *que* reintroduz na oração subordinada adjetiva *a que nos dirigimos* o substantivo *cidade*, e vale por *nos dirigimos à cidade*, em que o núcleo verbal *dirigimos* requer um termo argumental marcado pelo índice preposicional *a*, preposição que, portanto, não deve faltar anteposta ao relativo, que funciona como complemento relativo do núcleo verbal *nos dirigimos*: A cidade a que nos dirigimos ainda está longe. (BECHARA, 1999, p. 466)

Bechara (1999, 2006), em seção denominada “Relativo Universal”, reconhece a existência de uma estrutura – a estratégia cortadora – não recomendada pela língua padrão. O relativo universal, segundo ele, é

um simples elemento transpositor oracional, relativo despido de qualquer função sintática, a qual vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome, como em *O homem que eu falei com ele.* e *A amizade é coisa que nem sempre sabemos seu significado.* Sobre a produtividade dessas formas na língua, o autor reconhece sua importância no uso a partir de comentários como “Frequentes vezes a linguagem coloquial e a popular” e “o relativo universal se torna, no falar despreocupado, um ‘elemento linguístico extremamente prático’.”

3. *Estudo dos relativos na Carta de Caminha e na Demanda do Santo Graal*

Em estudo sobre as estruturas relativas, Barreto (1996) apresenta resultados interessantes para as pesquisas sobre o assunto. O primeiro deles é a já preferência pela forma *que*, nas funções de sujeito e objeto direto, situação evidenciada em estudos sincrônicos. Veja, a seguir, exemplos com essa forma nos *corpora* mencionados:

i. ... e seg deziam eses **que La foram folgauam com eles.**/ (fol. 8v, l. 17-8) – Carta de Caminha.

ii. ... e pense em este milagre **que nosso Senhor nos mostrou.** (Cap. CCVI, l. 12-) – Demanda do Santo Graal.

As construções estudadas não foram encontradas na Carta de Caminha, no entanto, na Demanda do Santo Graal, foram encontradas estruturas copiadoras na função de objeto direto e cortadoras, como mostramos abaixo:

iv. Entam leeo as letras **que** ambos **as** ouvirom... (Cap. CCVIII, l. 29)

v. ...eu te conheço por tam santo homem e por tam leal sergente de nosso Senhor **que** se tu **o** rogares...(Cap. CCVI, l. 33)

vi. Aquel dia maesmo **que** esto foi aveo que rei Boorz chegou (Cap. DCCIX, 128). Em lugar de **em que**.

Como se pode observar, nas estruturas *iii* e *iv*, **as** e **o** são formas que repetem, respectivamente *as letras* e *nosso Senhor*. São estruturas que conhecemos, atualmente, como relativas copiadoras, nas quais se verifica a repetição do termo antecedente na cláusula relativa.

Em *v*, nota-se uma estrutura relativa de função preposicionada. Trata-se de uma relativa de adjunto adverbial, na qual “cortou-se” a preposição que deveria anteceder o termo “Aquel dia”. A estrutura seria *Aquel dia maesmo em que esto foi...*

Como já dito, as conclusões de Barreto (1996) estão sendo consideradas no presente trabalho por se tratar do mesmo assunto e, principalmente, por se tratar de *corpora* diacrônicos. A seguir, apresentaremos os resultados da nossa pesquisa em textos de aljamia.

4. *Estudo das estratégias de relativização nos textos em aljamia portuguesa*

Numa análise sobre o comportamento das estruturas de relativização no português europeu do século XVI, a partir dos documentos escritos em aljamia portuguesa, chegamos a algumas conclusões que consideramos importante apresentar.

Aljamia portuguesa, segundo Teixeira (2006), são textos em língua portuguesa escritos em caracteres árabes. Lopes (1940) afirma que o termo se origina da forma “alajamia”, língua dos “alajames”, designação árabe para os outros povos.

Foram analisadas como *corpus* quatro cartas dos oito documentos aljamiados que se encontram arquivados em Lisboa, na Torre do Tombo. Tais documentos foram publicados por Lopes (1940), duas cartas são os fac-símiles de dois chefes marroquinos: Sidi Iahia Bentafuf, alcaide de Safim, e Iahia Ben Bolisba, xeque da Enxovia. As outras duas foram transcritas por Lopes (1940) e, para este trabalho, utilizaremos a edição semidiplomática e atualizadora propostas por Teixeira (2006). As quatro cartas possuem um destinatário comum: o rei D. Manuel.

Considerando o período de produção desses textos, pretendíamos verificar se as construções de relativização foram produzidas nos mesmos padrões das verificadas em outros estudos que analisaram textos desse mesmo período. Logo, consideramos também os resultados de Barreto (1996), a respeito do português arcaico, em pesquisa na Carta de Caminha e na Demanda do Santo Graal. Tomamos as palavras de conclusão da autora – *as estruturas relativas, na diacronia do português, merecem um estudo mais profundo e de maior abrangência* (BARRETO, p. 105) – como elemento de estímulo.

Buscávamos responder se, nos textos em aljamia, registram-se estruturas relativas que “cortam” a preposição exigida pela regência verbal da cláusula relativa (relativa cortadora) e/ou estruturas com pronome lembrete ou cópia (relativa copiadora). Ou, melhor, o estudo se constitui de observações a respeito de construções do século XVI em confronto

com as estruturas pertencentes ao português contemporâneo. Entendemos que as estruturas que chamamos cortadora podem ter sido construções normais no português da época.

A análise realizada com os textos em aljâmia levou-nos a um total de 50 dados. Embora tenhamos trabalhado com esse número reduzido de ocorrências, pudemos chegar a algumas reflexões. Dentre elas, apresentamos a relacionada à distribuição das estratégias no *corpus*. Constatou-se que 40 dados são de sujeito e OD e os outros 10 dados são estruturas de sintagma preposicionado. Estudos sincrônicos apontam a produtividade das formas de sujeito e objeto direto em detrimento as de sintagma preposicionado (KENEDY, 2007; BISPO, 2009; SILVA, 2005). Nas aljâmias, 80% dos dados são de sujeito e OD, com uma vantagem para o sujeito (23 dados). O que nos chamou a atenção foi que, no ambiente para as três estratégias, nas construções de PP – 10 dados coletados – observou-se a participação significativa das formas que consideramos cortadora, 4 dados para 6 de padrão. Observem-nas a seguir:

- 1- A mim me parece que a minha verdade e leal serviço me havia de salvar deles e das coisas do rei de Fez, porque na hora *que me davam algumas cartas que viessem de Fez*, naquela mesma hora as mandava ao capitão... (Bentafuf)
- 2- Vinham para Safim para saberem se consertara com o Capitão para correremos a 'Abda em tempo *que não fôssemos descobertos*. (Bentafuf)
- 3- Senhor, o dia *que de Portugal parti*, me encomendastes a paz e que eu a comprasse por meu dinheiro; e fiz tudo o que me vossa alteza mandou. (Bentafuf)
- 4- Escrita o primeiro dia do mês da terrado xerife, a quem eu tomei sete aduares dos seus alarves, o dia *que para ele parti*, e me estou mantendo no seu trigo e cevada que achei encovado nas suas aldeias. (Bentafuf)

Nas quatro construções acima, o relativo apresenta função sintática de adjunto adverbial de tempo. A amostra não nos oferece outro dado com essa função, apresentando preposição, para fins comparativos. No entanto, como é nosso objetivo, podemos comparar tais dados à ocorrência já citada de construção relativa no Santo Graal: *Aquel dia maesmo que esto foi aveo que rei Boorz chegou* (Cap. DCCIX, 128) (BARRETO, 1996). A estrutura é de mesma função sintática, adjunto adverbial, e apresenta, como referente, a palavra “dia” como nos exemplos (8) e (9). Mais adiante, buscaremos contrapor esses dados aos de outras cartas analisadas.

5. *Estudo das construções relativas em cartas portuguesas informais*

Este estudo foi realizado com um grupo de cartas denominado de CARDS – Cartas de Desconhecidos. São 2000 cartas da esfera privada escritas entre os séculos XVI e XIX. Esses documentos são de origem judicial (1850 cartas) e familiar (150 cartas).

Das correspondências do século XVI, foram seccionadas as de Portugal e em cinco delas foram encontradas ocorrências do fenômeno estudado. Uma carta (3128) constitui-se em uma denúncia escrita por Francisco Miranda, padre, enviada ao arcebispo de Évora. As demais foram escritas originalmente em árabe e traduzidas para consulta em processos do Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa. Todas constam do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. O texto 2151 é a tradução de carta árabe de Mohate, cativo de Dom Pero da Cunha, para Molaj Mofemede Xarife. 2152 é a tradução de carta árabe de Mançor, cativo do Infante Dom Vasco, para Al Xaqua Nõ Habede Rahamão. A CARD 2153 é a tradução de carta árabe de Mançor Ataharane, cativo, para Halej Alfaçe seu irmão. E, por último, o texto 2154 é a tradução de carta árabe de Hamoharte, cativo, para Macahode seu irmão. Essas quatro cartas foram traduzidas a fim de serem usadas no processo de Luís Duarte um mouro de vinte anos de idade, natural de Alcacer Quibir e antigo cativo do Infante D. Luís.

O estudo dessas cartas é bastante pertinente ao que desejamos mostrar sobre as relativas no século XVI. Assim como as cartas conhecidas como aljamias e a Demanda do Santo Graal, as cartas de desconhecidos são documentos para a pesquisa linguística estudar fenômenos que podem ter sua origem em épocas remotas, em modalidades distintas. Assim, seria possível encontrar, neste recorte de tempo, formas com o corte da preposição requerida pelo verbo da oração relativa (estratégia cortadora)? E, ainda, realizavam-se estruturas de cópia da informação do termo antecedente ao relativo? Passamos a apresentar as respostas a essas perguntas.

Nas cinco cartas acima mencionadas, foram encontradas 21 estruturas relativas, das quais 14 são de sujeito e objeto direto e, 5, de sintagma preposicionado. Em relação ao observado no estudo das cartas aljamiadas, nota-se que as estruturas de PP (doravante sintagma preposicionado), nestas cartas, representam pouco menos de um quarto dos dados; nas aljamias havia 20% de estruturas preposicionadas para 80% de sujeito e OD. Esses 24% de estruturas de PP são todos de adjunto adverbial e,

dentre eles, 3 são formas padrão e 2 são formas cortadora, situação que não nos surpreende, já que nas aljâmias e na Demanda do Santo Graal dos poucos dados de cortadoras observados, todos eram de adjunto adverbial. Observem-nos a seguir:

- 10- nao ha huu mez q. chegui de foraquado he ho q. mi ecomedastes loguo fez *na mesma hora q. nao hechei nehui Requado/ scilicet q. hisa fogueu co hoto pas.e descaparao* (1550 – CARD 2151)
- 11- na carta de molaj mofemedede / diz desta manhra.as forcas della / q. he de hu catevo / hu mohate *Em que diz a molaj mofemedede / q. ate aguora nao vos scprevi* (1550 – CARD2151)
- 12- E lhe pedia q. lhe scprevesse por mtas. vezes q. *nao dexe de lhe scprever a falta de papell* por q. he ter o lloguar de seu pai E amigo / En mtas. e-comendas pa. hotos mouros (1550 – CARD 2152)
- 13- Esta carta he de huu de macor ataharane q. madou a huu seu irmao halej alface */Em que lhe dizia se s espamta mto. Delle* (1550 – CARD2153)
- 14- Tempo vira *em que nos possamos escrever e falar* ja q. agora asi He (1560 – CARD 3128)

As estruturas 11, 13 e 14 são formas de sintagma preposicionado cuja preposição requerida pelo verbo está grafada antes do relativo *que*. Trata-se da preposição *em* cujos antecedentes são *na carta*, *esta carta* e *Tempo* respectivamente. O antecedente *Tempo*, em 16, concorre com as equivalentes 10 e 11 cujos antecedentes são também expressões temporais: *na mesma hora* e *mtas vezes* (muitas vezes). Para nós, isso significa que, no século XVI, havia um padrão de uso de preposição em construções relativas de adjunto adverbial, mas que muitas vezes era substituído pela forma cortadora, conforme se pode observar nos exemplos a seguir, já vistos, das cartas de aljâmia e no estudo de Barreto:

6. A mim me parece que a minha verdade e leal serviço me havia de salvar deles e das coisas do rei de Fez, porque na hora *que me davam algumas cartas que viessem de Fez*, naquela mesma hora as mandava ao capitão... (Bentafuf)
7. Vinham para Safim para saberem se consertara com o Capitão para correremos a 'Abda em tempo *que não fôssemos descobertos*. (Bentafuf)

vii - Aquel dia maesmo *que* esto foi aveo que rei Boorz chegou _(Cap. DCCIX, 128). Em lugar de *em que*.

É interessante comparar, por exemplo, a estrutura 6, da aljâmia, com a 11, das cartas de desconhecidos. Ambas têm o termo *hora* como antecedente e tiveram suprimidas as preposições. Uma observação atenta das estruturas – *na mesma hora q. nao hechei nehui Requado* (CARD)/

porque *na hora que me davam algumas cartas que viessem de Fez*, naquela mesma hora as mandava ao capitão (Aljamia) – mostrará que há outras semelhanças que merecem ser mencionadas. A estrutura de aljamia apresenta o sintagma preposicionado *na hora* como antecedente, entretanto, Bentafuf repete a informação na cláusula relativa – *naquela mesma hora*. A construção poderia ter sido montada sem essa “cópia”: *porque na hora que me davam algumas cartas que viessem de Fez, mandava-as ao capitão*, mas parece que houve a necessidade de um reforço da informação temporal. Essa estrutura coincide com o sintagma preposicionado que antecede o relativo no exemplo do CARD. Embora tenha sido analisada como cortadora na seção das aljamias, acreditamos que essa estrutura possa ser considerada uma relativa copiadora, ainda que pareça ter sido uma questão de reforço.

Assim, verifica-se que, em *corpora* diferentes, pôde se atestar as formas conhecidas como não padrão no século XVI, resultado que corrobora nossos questionamentos sobre a origem das formas não padrão de relativas. Bispo (2009) estudou a variação entre as cortadoras e a estratégia padrão preposicionada numa perspectiva cognitivo-funcional e concluiu que o falante opta pela cortadora por questões de redução de esforço de elaboração e processamento; segundo o autor, é menos custoso, em relação a estrutura relativa de sintagma preposicionado, a elaboração de uma cortadora. Essa questão também está relacionada aos seus altos índices de *que*, para o fato de a cortadora ocorrer quase exclusivamente com esse pronome. Segundo ele, isso se dá porque o pronome *que* e a cortadora são estrutural e cognitivamente menos complexos, logo, mais frequentes que os concorrentes *o qual* e a forma padrão preposicionada, respectivamente. Ele considerou a grande demanda de tempo de produção e processamento envolvidos nas formas *o qual* e a RPP (doravante, relativa padrão preposicionada).

Nossos resultados, no *corpus* sincrônico (2005), mostraram uma conclusão semelhante. A partir dos estudos de Corrêa (1998) relacionamos a grande incidência de cortadoras às ocorrências de relativas de sujeito e OD – o mesmo *output* fonético, ou seja, constrói-se com *que* + *verbo*, sem a presença da preposição antes do relativo. Nas cartas de desconhecidos só foram observadas duas ocorrências de *o qual* e, nas aljamias, dos 50 dados de relativas, 47 foram com *que*.

As ocorrências de sujeito e objeto também são a maioria, representam um total de 67% das ocorrências, como a forma (15) em peças e

en dineyro. me tem pela trayção *que me fizerão ela e seu Irmão* (1560 – CARDS3128).

Dentre as quatorze formas de sujeito e OD, destaca-se a construção (16) escreveo hũa carta a hũa filha spritual sua *a qual filha spritual të duas Irmãs* (1560 – CARDS 3128). Essa construção é interessante por dois motivos: (a) por se tratar de uma relativa copiadora, na qual a cópia do termo antecedente é um sintagma nominal, *filha espiritual* (espiritual); (b) a relativa é, diferente do que mostram os estudos sincrônicos (SILVA, 2005; BISPO, 2009) e do que se observam nos dados diacrônicos, encabeçada pelo relativo *o qual*. O relativo *que* costuma ser o preferido nas construções não padrão; é, segundo Bechara (1999/2006), o relativo universal, forma que acompanha as estruturas *que*, para o autor, pertencem ao falar despreocupado e distraído, as formas cortadora e copiadora.

6. Conclusão

O estudo de cartas escritas no século XVI foi extremamente proveitoso e faz parte de uma pesquisa mais abrangente sobre as estratégias de relativização. Considerando que tais formas têm sido estudadas atualmente numa perspectiva que as inserem na realidade do PB (doravante Português do Brasil), surgidas no século XIX, acreditamos serem de suma importância dados de cartas quinhentistas que mostram significativos percentuais de cortadoras e copiadoras. Entende-se que é necessário repensar a origem dessas construções em nossa língua e lembrar que o estudo do passado ilumina o presente.

Numa comparação entre os dados de Barreto, em sua pesquisa sobre a Carta de Caminha e a Demanda do Santo Graal, com nossos dados, levantados das cartas de língua portuguesa escritas em caracteres árabes (edição TEIXEIRA, 2006), as aljamias portuguesas, e das Cartas de Desconhecidos (CARDS), do século XVI, constatou-se que a origem das relativas não padrão data de épocas remotas e tais formas já estavam presentes no PE. Essa pesquisa dialoga com as conclusões de Kenedy (2007) sobre a estrutura padrão preposicionada. Segundo o autor, essa forma é antinatural para os falantes das línguas latinas e, provavelmente, para qualquer outra. Essa conclusão de Kenedy (2007) engloba o PE, língua que, segundo seus estudos, não apresenta padrão diferenciado – a relativa padrão preposicionada só é processada em contexto de escolarização.

Nas duas amostras estudadas, assim como no *corpus* de Barreto (1996), houve ocorrências de estratégias de relativização não padrão. Nesta, verificam-se ocorrências de formas copadoras na função de OD e cortadora na função de adjunto adverbial. Naquelas, verificamos percentuais significativos das formas não padrão. Nas aljamias há 4 cortadoras para 6 formas padrão. Nas CARDS, além das estruturas de cópia, há 4 formas cortadoras para 3 padrão.

Esse estudo faz parte de uma pesquisa que estuda as relativas ao longo de três séculos – XVI, XVII e XVIII – em cartas de natureza diferente, mas que poderá revelar interessantes descobertas dessas que são, atualmente, formas tão aceitas no falar de inúmeros falantes do português, no Brasil ou além mar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Therezinha. Estruturas relativas. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *A carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500*. Salvador: Edufba, 1996.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BISPO, Edvaldo Balduino. *Estratégias de relativização no português do Brasil: caso de cortadora*. Natal: UFRN, 2009.

CORRÊA, Vilma Reche. *Oração relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil*. Campinas: Unicamp, 1998.

CUNHA, C.; CINTRA, L.-F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1985.

KENEDY, Eduardo. *A antinaturalidade de Pied-piping em orações relativas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 34. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

MATEUS, Maria Helena Mira et alii. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília. *Estudo da cópia nas construções relativas em português*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1977.

SILVA, Bianca Graziela Souza Gomes da. *O caminhão que eu trabalhava com ele subia qualquer ladeira: um estudo sobre a gramaticalização do que*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. 2005.

TARALLO, Fernando. *Tempos linguísticos: Itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1994.

TEIXEIRA, Suely Ferreira Lima. *Apontamentos para uma edição semi-diplomática em aljama portuguesa*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Faculdade de Letras. Rio de Janeiro: UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

VAREJAO, F. *O uso variável das orações relativas no português europeu*. 2006. Disponível em:
<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno11-11.html>.